

Literatura e Outras Ciências: Territórios Partilhados

Literature and Other Sciences: Shared Territories

Rodrigo Donizeti Mingotti¹

Resumo: Os discursos construídos sobretudo a partir do século XX prezam pelo caráter interdisciplinar dos estudos científicos. A literatura, enquanto ciência e representação expressiva do mundo e das coisas, não deixa de operar saberes outros para constituir-se como tal. Nessa perspectiva, este artigo tem por objetivo analisar, em recorte específico, as intersecções entre os campos da literatura, da história, da psiquiatria e da medicina social, presentes em obras literárias de Émile Zola, Canto e Mello e Hilário Tácito. Para isto, o corpus deste trabalho recebe respaldo teórico, primordialmente, de Roland Barthes (1977), responsável por caracterizar o diálogo transdisciplinar da literatura com outros saberes distintos, mas em território partilhado.

Palavras-chave: Transdisciplinaridade; Barthes; Literatura; História; Medicina.

Abstract: *The speeches built mainly from the 20th century value the interdisciplinary nature of scientific studies. The literature, as a science and an expressive representation of the world and of things, does not cease to operate other knowledge to constitute itself as such. In this perspective, this paper aims to analyze, in specific cut, the intersections between the knowledge fields of literature, history, psychiatry and social medicine, present in literary works by Émile Zola, Canto e Mello and Hilário Tácito. For this, the corpus of this work receives theoretical support, primarily, from Roland Barthes (1977), responsible for characterizing the transdisciplinary dialogue of literature with other distinct knowledge, but in shared territory.*

Keywords: *Transdisciplinarity; Barthes; Literature; History; Medicine.*

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (UNESP), sob auspícios da CAPES. Pela mesma instituição, graduou-se em Licenciatura em Letras (2019), com habilitação em Português e Francês, e obteve o título de Mestre em Letras (2021), com bolsa CAPES de pesquisa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8039-6137>. E-mail: rodrigodmingotti@gmail.com.

Situando o problema

A partir do século XX, percebeu-se a necessidade de operar uma ou mais áreas do conhecimento – ou ciências, tal como classificam – para um objetivo final, atrelado, frequentemente, ao estudo amplo e complexo de um objeto, sob diversas perspectivas. Assim como outras grandes ciências, como a sociologia, a antropologia, a biologia, a linguística, a história, a medicina etc., a literatura, não menos importante, também apresenta esse caráter operativo de demais áreas para um objetivo comum: em especial, a verossimilhança ou a capacidade de representação do real.

O discurso científico que se fez presente, principalmente, nos anos iniciais do século XX, nos mais diversos campos, preza o caráter intrínseco e correlacionado entre as mais variadas ciências. Surge, desse modo, o conceito de interdisciplinaridade que, mais tarde, já no século XXI, amplia-se para transdisciplinaridade. Para tanto, antes de dar início ao estudo pretendido, em apresentar os pontos de cruzamento entre a literatura e demais áreas, num primeiro momento remotas, convém conceituar tais termos, de modo a esclarecer e sondar suas especificações voltadas para o âmbito literário.

O termo interdisciplinaridade, por qualidade a interdisciplinar, segundo o dicionário, remete à capacidade de se estabelecer relações entre uma ou mais áreas do conhecimento². Já de acordo com o dicionário de termos literários, entende-se essa relação com a finalidade de se compreender um objeto de estudo específico, um fenômeno, que por si só seria incompreensível mediante apenas uma área do conhecimento (MUCCI, 2009). Nesse sentido,

Surgindo, sobretudo, no século XX, a interdisciplinaridade empreende um esforço para superar tanto o movimento de especialização da ciência quanto a fragmentação do conhecimento em diversas áreas de estudo e pesquisa, bem como a racionalização científica. (MUCCI, 2009).

Analogamente, no Dicionário básico de Filosofia (1990), Hilton Japiassu e Danilo Marcondes definem o termo interdisciplinaridade como um método de pesquisa ou ensino que interaja duas ou mais disciplinas entre si, com um objetivo utópico em comum: a unidade do saber, “que parece constituir a meta ideal de todo saber que pretende

² Engloba-se, também, o conceito de *disciplina* a ser entendido como área do conhecimento humano.

corresponder às exigências fundamentais do progresso humano.” (JAPIASSU; MARCONDES, 1990, p. 136). A base do progresso de conhecimento entendido a partir das manifestações modernas seculares, portanto, é o caráter interdisciplinar dos estudos científicos.

Na era moderna e pós-moderna, em suas respectivas essências, compreende-se a passagem ou a ultrapassagem das barreiras fronteiriças da sociedade e, por consequência, das ciências. Nas palavras de Carlos Ceia, em seu verbete “Pós-modernismo”, este define: “[...] o que pode ajudar a datar o pós-modernismo na contemporaneidade é a sua teorização, que tem sido gradualmente mais complexa e interdisciplinar” (CEIA, 2009), comprovando, dessa maneira, a necessidade da transposição entre disciplinas como um método. E, nessa concepção, o prefixo inter- já não mais satisfaz tal ideia, variando, assim, para transdisciplinaridade, em que o prefixo trans- representa, além da pluralidade, essa transposição de disciplinas, de ciências, ultrapassando fronteiras.

A literatura, por sua vez, coexistente desde a comunicação e sapiência humanas, em suas representações, operou demais conhecimentos para configurar-se como tal. É comum, ao se ler seus exemplares, encontrar traços condizentes com outras ciências do saber, como a história, a filosofia, a psicologia e até mesmo a medicina, de modo a mesclar ficção e veridicidade, a depender das características intrínsecas ao período e da estética às quais o texto se filia.

Desse modo, o recorte feito neste artigo pretende abordar, singularmente, a literatura a partir do Realismo e o Naturalismo, conhecidos, essencialmente, por se configurarem os mais próximos possíveis da realidade – afinal esse era o propósito destes movimentos – e por operarem outras ciências, como a medicina e a psiquiatria para a sustentação e entendimento dos seus enredos prosaicos.

Ciências outras na literatura: medicina, psiquiatria e história

Com as manifestações modernas que se concretizaram principalmente em meados do século XIX e com as inovações das chamadas ciências naturais, tão logo a literatura as acompanhou, trazendo para seu campo de atuação o que ocorria no meio social. Por classificação estética – ou de movimento – surgiu o Realismo e sua extensão, o

Naturalismo, primordialmente na França, berço à época das grandes e conhecidas revoluções modernas de descoberta humana.

Muito se sabe a respeito desses movimentos, portanto, não será necessário esmiuçá-los aqui, pois esse também não é o propósito deste estudo. Mas, de maneira geral, convém lembrar que o Naturalismo foi concebido como uma vertente atrelada fortemente ao cientificismo, em oposição aos exageros do Romantismo. A ideia de uma fórmula naturalista, de transformar a literatura em ciência, foi amplamente difundida pelos escritores adeptos à estética: criou-se, no âmbito literário, o método experimental, assim como o das ciências naturais, em que há um estudo por meio da demonstração, implícita ou explícita, de teses científicas. Por sua vez, o romance naturalista,

controlando a sua sensibilidade, ou acomodando-a à ciência, põe luvas de borracha e não hesita em chafurdar as mãos nas pústulas sociais e analisá-las com rigorismo técnico, mais de quem faz ciência do que literatura. (SODRÉ, 1965, p. 30).

A técnica científica e experimental, utilizada sobretudo pela fisiologia e pela sociologia, fora posta em prática também no contexto da linguagem, logo, na literatura. De acordo com Émile Zola, considerado o chefe do Naturalismo, embora o próprio negasse tal nomeação, o método científico não foi imposto à força na literatura, pelo contrário: assim como nas demais estéticas, apenas se representava o que ocorria com a sociedade à época, acompanhando seu movimento. Nas palavras de Zola: “Apenas constatamos o que acontece em nossas letras modernas” (ZOLA, 1995, p. 44). O autor francês reconhecia seu lugar de não químico ou fisiologista e, para ele, o escritor deveria voltar seu olhar para o mundo que o cerca, a fim de descrevê-lo com real objetividade (ou ao menos o mais próximo possível).

Nesse sentido, sabe-se da existência de assuntos relacionados à medicina, à fisiologia, à história, à psiquiatria, à filosofia, entre outros, presentes essencialmente nos exemplares naturalistas. Não obstante, nas épocas seguintes, em também acordo com a sociedade que progredia, essas e demais áreas continuaram presentes de forma marcante no espaço literário, como forma de representação social.

A ideia de a literatura abarcar diversos saberes foi conceituadamente exposta pelo crítico literário, semiólogo e filósofo francês Roland Barthes. Em sua aula inaugural no *Collège de France*, Barthes aponta para essa característica peculiar da literatura em

assumir múltiplos saberes, “pois todas as ciências estão presentes no monumento literário” (BARTHES, 2013, p. 16). Para o filósofo, ainda, a literatura apresenta três forças, inerentes à ordem do real, capazes de examinar o potencial de diálogo do monumento literário com demais áreas do saber, as quais denomina como *mathesis*, *mimesis* e *semiosis*.

A primeira força, *mathesis*, diz respeito à enciclopédia do saber. Por essa força, a “literatura faz girar todos os saberes” (BARTHES, 2013, p. 18) tal como uma enciclopédia; apresenta, assim, uma vasta compilação sobre as mais diversas áreas do conhecimento. Nesse entendimento, o texto literário viria a comportar múltiplas ciências ou saberes e, esse saber, por sua vez, não é “inteiro” ou “derradeiro”, como o próprio define, mas sim representativo, em que a literatura sabe de alguma coisa, sabe algo das coisas; ela reproduz a diversidade social. No seu dizer, a literatura

[...] encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático. (BARTHES, 2013, p. 19).

A representação com a qual a literatura trabalha encontra-se nos espaços da ciência, em atraso ou adiantamento em relação a esta. E por mencionar a representação, essa é a segunda força exposta por Barthes, a *mimesis*, que seria a representação da realidade, ou pelo menos a tentativa, a relação entre as palavras e as coisas.

A literatura tem por objetivo tentar representar alguma coisa ou, ao que sugere o crítico, ser demonstrável, transmitindo algo real captado ou forjado por ela mesma: apossa-se do real como seu principal objeto de desejo e é nessa acepção que o monumento literário se categoriza como realista. É possível retomar nesse entendimento, a literatura enquanto enciclopédia, contendo todos os saberes, em justaposição da *mimesis*: ela demonstra os saberes sociais – ciências e técnicas – inerentes ao homem e à sociedade como um todo.

Por fim, nessa tentativa, a literatura é identificada, dessarte, como uma força que “joga” com os signos ao invés de destruí-los. Eis a terceira força, a *semiosis*. Para o autor da *Aula*, a literatura possui como característica própria a falta de obstáculos, “freios”, sendo capaz de apresentar, por meio da linguagem, do uso das palavras, “uma verdadeira heteronímia das coisas” (BARTHES, 2013, p. 28).

Barthes ainda faz uma metáfora da ciência com a Bolsa, comparando-as de modo que as ciências se alteram – sobem e descem – assim como a Bolsa e, portanto, não são eternas. A essa concepção da ciência com alterações ao longo do tempo, relaciona-se a ideia ingênua dos naturalistas de se considerarem ultimatoss na literatura, por acreditarem à época que representavam a última modernidade, os últimos avanços da ciência (SODRÉ, 1965).

Logo novos progressos surgiram, levando a pensamentos diferentes, novos ideais que, sem dúvida, refletissem na literatura. Por conseguinte, a literatura que acompanhou tais transformações era outra, o Naturalismo logo foi sucedido pelo Simbolismo, pelo Pré-Modernismo e o Modernismo em si, e assim por diante, até o momento literário contemporâneo vigente e explorado. Portanto, assim como a Bolsa, a literatura sofreu suas devidas alterações de acordo com a sociedade que a rege.

Por essa perspectiva, sustentada nas ponderações de Roland Barthes, a literatura encontra-se em posição de diálogo com as mais diversas disciplinas, os mais diversos saberes, carregando consigo o poder da representação e da aproximação da realidade – a verossimilhança – seu objetivo comum supradito. A presença das teorias referentes à história, à psiquiatria e à medicina social, principalmente em exemplares a partir de meados do século XIX, na França e posteriormente no Brasil, confirmam a função da verossimilhança e o suporte dos saberes.

Do Naturalismo, muito se extrai de discursos científicos da psiquiatria e da medicina para a descrição e causalidades dos enredos e de seus personagens. Também, nota-se a forte presença do discurso da história, nos exemplares naturalistas, de modo a explicar, na maioria das vezes, as determinações do meio (político, econômico, histórico e social) nas condutas e atitudes dos sujeitos postos à experimentação. O Modernismo, já no século XX, por outro lado, também não deixou de apresentar discursos de outrem em seus textos representativos, com suas características estéticas particulares.

À vista disso, para esta exemplificação, serão abordados romances que apresentam intersecções entre literatura e outras ciências, em específico, de modo a caracterizar a interdisciplinaridade ou a transdisciplinaridade presentes no âmbito literário, que se abre para contribuições de sustentação e de entendimento completo do texto literário em si, como também da sociedade representada.

Romances em diálogos transdisciplinares

Seguindo uma ordem cronológica, aborda-se primeiro o romance naturalista dos anos posteriores de meantes do século XIX, na França. Trata-se do romance experimental de Émile Zola, *L'Assommoir*, publicado pela primeira vez em volume em 1877. O romance de tese, como o escritor o definia, faz parte da saga *Les Rougon Macquart: Histoire Naturelle et Sociale d'une Famille sous le Second Empire*, composta por vinte romances escritos entre 1871 e 1893. Nele, o autor francês apresenta a decadência de uma família de operários ao final do Segundo Império da França, que instigados por suas heranças genéticas e pelo meio social em que se encontravam, foram levados em derrocada, como orientou Zola no prefácio do primeiro romance da saga, *La fortune des Rougon*:

Os Rougon Macquart, o grupo, a família que me proponho a estudar, tem como característica o excesso de apetite, a grande revolta de nossa era, que se apressa em desfrutar. Fisiologicamente, eles são a lenta sucessão de acidentes nervosos e sanguíneos que se manifestam em uma raça, em consequência de uma primeira lesão orgânica, e que determinou, de acordo com o meio, em cada um dos indivíduos dessa raça, os sentimentos, os desejos, os ardores, todas as manifestações humanas, naturais e instintivas, cujos produtos assumem os nomes carregados de virtudes e vícios. Historicamente, eles partem do povo [...] por essa impulsão essencialmente moderna que recebem as classes baixas movimentando-se pelo corpo social, e eles descrevem também o Segundo Império, usando seus dramas individuais. (ZOLA, 1871, apud MITTERAND, 1999, p. 26-27, tradução nossa).

Como o próprio título do romance alude (em português *assommoir* significa taberna), nele é possível encontrar a presença do alcoolismo como fator predominante. Associam-se ao título outras palavras-chave como vício, ócio, descontrole, violência e mal-estar, as quais dizem respeito à vivência dos personagens do bairro operário da *Rue de la Goutte d'Or* que são postos a vias de exposição e levados à decadência, movidos pela embriaguez e pela preguiça, explicados por Zola no prefácio do romance em questão:

Quiz pintar a fatal decadência de uma família de operários no dissolvente meio de nossos arrabaldes. Quis mostrar como da bebedeira e da mandriice resultam o afrouxamento de todas as ligações na família, as abjecções da promiscuidade, o progressivo esquecimento de todos os sentimentos honestos e, como final

descalabro, a vergonha e a morte. Isto é simplesmente a moral em ação³. (ZOLA, 1933, p. 5).

Os problemas iniciam quando Coupeau, operário, marido da lavadeira Gervaise, sofre um acidente de trabalho. Diante da impossibilidade temporária de exercer o ofício, torna-se em pouco tempo vadio e alcoólatra, passando a frequentar tabernas próximas e vivendo às custas da esposa. Gervaise, por sua vez, não suportou os sofrimentos vividos, os infortúnios e a pobreza e, sem demora, também se encontrou rendida ao álcool. Não tardou para que ambos, diante do vício e do consumo excessivo, passassem a apresentar distúrbios psicológicos que progrediram até a morte, do marido primeiro e, logo após, de Gervaise.

No romance, Zola explora não só o alcoolismo como também suas consequências físicas e sociais. Na iminência do vício, os personagens manifestam evidências de loucura que, conforme regiam as ciências médicas da época, eram resultados dos efeitos nocivos do álcool no organismo:

O alcoolismo era entendido como uma moléstia capaz de afetar não apenas a organização psíquica do indivíduo, mas também a sua capacidade de convivência social e familiar, prejudicando ainda o desempenho no trabalho e consequentemente a sua produtividade, tornando-os incapazes para o cumprimento de seus deveres e responsabilidades. (SANTOS; VERANI, 2010, p. 408).

Ademais, no texto de Zola, há outro fator predominante que leva, especificamente a personagem Gervaise, ao vício: a herança genética. Declaradamente o romancista inspirou-se nas teorias de Charles Darwin (*Origem das Espécies*, de 1859), de Claude Bernard (*Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*, 1865) e do Doutor Prosper Lucas para a composição de suas obras.

As teorias de hereditariedade genética como influenciadora das nevroses e vícios foram dispostas no enredo ao passo que Gervaise tornou-se alcoólatra não somente em decorrência de suas experiências (determinações do meio), mas também de sua pré-disposição genética: sua avó, Adelaïde Fouque, foi retratada na saga como neurótica e histérica, enquanto seu pai, Antoine Macquart, como alcoólatra e violento. Ambas as

³ Cabe ressaltar que as citações dos romances *A Taberna* e *Alma em delírio* (posteriormente), presentes neste artigo, foram transcritas tal qual foram escritas nas edições estudadas; portanto, algumas palavras podem apresentar ortografias arcaicas.

disposições afetaram para que a lavadeira sofresse com o vício e com a loucura, da mesma maneira que a medicina psiquiátrica da época definia.

Acreditava-se que o alcoolismo e a loucura eram manifestados de geração em geração na linhagem familiar, até a sua extinção – em conformidade também, com a teoria de seleção natural de Darwin. A tese de que o alcoolismo propiciava a loucura e consequentemente o mau comportamento humano na sucessão das gerações ficou conhecida como teoria da degenerescência⁴: “As degenerações, por partirem do domínio moral, vinculavam o mau comportamento dos órgãos humanos ao mau comportamento dos indivíduos.” (SANTOS, 1995, p. 123). Nessa teoria, os procedentes dos alcoólatras poderiam herdar não apenas a tara alcoólica, como constituição orgânica, mas também as doenças mentais atribuídas ao alcoolismo ou então agravadas por ele (SANTOS; VERANI, 2010).

Em seqüência, na linha de pesquisa em torno do alcoolismo e da loucura, já ao fim do movimento naturalista, é publicado no Brasil o romance *Alma em delírio*, em 1909, do escritor gaúcho Pedro de Castro do Canto e Mello. Pouco conhecido⁵, o romance explora similarmente o vício etílico e as moléstias causadas por ele. No enredo, o protagonista e anti-herói Rogério Duarte, um ex-soldado que participara de grandes combates como a Guerra do Paraguai (1864 e 1870) e a Revolta dos Muckers (1873-1874), enfrenta similarmente o alcoolismo e a loucura consequente, devido a determinações do meio.

Após o contato frequente com o álcool, movido por suas tristezas e inquietações, Rogério passa a desenvolver alucinações, delírios (como remete o título) e a apresentar um comportamento doentio e violento. Atormentado e com acessos de raiva, torna-se um outro sujeito, sendo necessária sua internação em um hospício: o Hospício de Pedro II, no Rio de Janeiro, pela descrição que é fornecida⁶:

Perto, estava o mar e lá, no extremo, o morro da Viuva, que eu conhecia bem.

⁴ A teoria foi definida pelo psiquiatra franco-austriaco Bénédict Augustin Morel (1809-1873), no então publicado *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives*, em 1857.

⁵ O presente romance foi resgatado e investigado na pesquisa de Mestrado, sob fomento da CAPES, intitulada *Heranças do romance naturalista: alcoolismo e distúrbios psicológicos em Alma em delírio, de Canto e Mello* (2021), junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da UNESP de São José do Rio Preto. Parte do estudo e da fortuna crítica do presente artigo emanam do projeto supramencionado.

⁶ O então Hospício de Pedro II, de meados do século XIX, situado na época na Praia da Saudade, hoje denominada Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, próximo ao Morro da Viúva e da antiga Escola Militar, foi um conhecido hospital psiquiátrico construído no país para controle moral e social da época.

Olhei para o outro lado: lá estava o perfil branco da Escola Militar, destacando-se como um longo traço de giz, riscado entre a Urca e a Babylonia. Conheci o lugar... Era o Hospício!... Eu ia para o Hospício! (MELLO, 1914, p. 283).

Do mesmo modo que em *L'Assommoir*, o personagem é levado à total degradação moral e social devido ao vício sofrido; condição essa reconhecida por ele quando diz que sua história de vida sirva de lição – moral e de conduta – para outros em situações próximas: “Quando não tenha outro merecimento, servirá ao menos de lição e de exemplo àqueles que sendo, como eu, talhados para o bem, se tornam, por sua culpa, enormemente desgraçados” (MELLO, 1914, p. 19, grifo nosso).

O meio econômico, político e social, ou seja, o momento histórico retratado, marcado por uma crise do pós-guerra, fim do Segundo Reinado e início da Primeira República, teve influência direta no desenvolvimento do alcoolismo. Num primeiro momento, para Rogério, o álcool era uma forma de redenção para seus sofrimentos – reflexos do pós-guerra e da situação político-social vigente ao período – mas em pouco tempo tornou-se a principal causa de sua decadência, como previam os estudos em torno deste vício.

No romance, chama a atenção o discurso fisiológico e filosófico de Rogério que, entre outras coisas, reforça essa ideia de um romance experimental, sustentado em teorias científicas, da sociologia e das chamadas ciências naturais e, principalmente, a questão do determinismo no sujeito – ao que Canto e Mello emprega figurativamente como *cataclismos* no discurso do personagem, entendidos como as influências internas (determinismos genéticos e hereditários) e externas (determinismos do meio político, histórico, econômico e social) responsáveis pelas condutas (físicas ou morais) positivas ou negativas do homem

Muita razão tinha quem disse que a creatura humana é um microcosmo, ou um mundo em um ponto pequeno.

Dentro do nosso ser dão-se cataclysmos que o subvertem e modificam, como os terremotos subvertem e modificam a superfície da terra.

Ha, no íntimo de cada um de nós, mysterios inexplorados e inexploráveis, que, se manifestam um dia, será para verdadeiro assombro daquele que os carrega. Vai passando despercebido pela vida do indivíduo. Ninguém lhe presta atenção, ninguém lhe nota cousa alguma que não seja commum a todos os individuos.

De súbito, chegado um certo momento, dada uma certa circumstancia, aquele tipo vulgar transforma-se, imprevistamente, num heróe ou num réprobo.

Tanto se póde ser um assassino ou um ladrão, como se póde ser um martyr, depende isso, apenas, de coincidir certo fato com a vibração de certa fibra, que até então nunca vibrára. (MELLO, 1914, p. 103-104, grifos nossos).

Como visto, nas narrativas expostas, mescla-se a ficção com traços da realidade, saberes outros, em especial da medicina, da psiquiatria e da história (momento histórico-social). Com relação ao vício alcoólico, já se tratava a respeito ao final do século XVIII, entretanto, somente foi encarado como uma patologia, chegando ao termo alcoolismo, em meados do século seguinte, aparecendo na tese do médico sueco Magnus Huss, em 1849. No alcoolismo moderno, para os especialistas da área, a interação da substância etílica com o organismo provocava diversas moléstias físicas e sociais, afetando não apenas a ordem psíquica do indivíduo, mas também sua capacidade de convivência social (SANTOS; VERANI, 2010, p. 408). Entendia-se que

O excesso no uso das bebidas alcoólicas exacerbava as paixões, porque retirava um de seus principais freios: a moral. O controle do temperamento e dos prazeres eram apenas duas das inúmeras ações reguladas por este saber que, ao longo do tempo estreitou a sua aproximação com a medicina. A tal ponto, que muitas das regras de comportamentos aceitas automaticamente pela nossa sociedade trazem marcas inconfundíveis do conhecimento médico – da higiene, da medicina legal, da clínica, da fisiologia, entre outros. (SANTOS, 1995, p. 54).

Não obstante, a medicina social que fortemente atuava no período, anos finais do século XIX e início do século XX, tanto no Brasil quanto na França, também compôs o caráter teórico dos romances estudados. Acreditava-se que a sífilis, a propensão à criminalidade e a tuberculose eram provocadas também em razão do alcoolismo e assentia-se a necessidade de tratamento e controle dos considerados degenerados, loucos, em razão do vício. Diante desse cenário, surgiram os hospícios ou sanatórios, mediados pela psiquiatria e pela medicina social, para onde eram levados os indivíduos que apresentassem o vício e desvios comportamentais.

Nas duas narrativas, a passagem pelo hospício após os delírios são demonstradas. Contudo, em *Alma em delírio* há um enfoque maior, devido à veracidade da instituição. O Hospício de Pedro II de fato existiu, sendo fundado em 1841⁷ na capital carioca, após discursos e relatórios da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro que intencionavam a reclusão e tratamento dos sujeitos considerados loucos. O local onde o soldado Duarte esteve internado foi o primeiro hospício do Brasil, cujos internos, a maior parcela era por conta do alcoolismo, somando 20% de todos os diagnósticos presentes nos prontuários

⁷ Sob o Decreto n. 82, de 18 de julho de 1841.

entre 1883 a 1900 (ALVES, 2010, p. 121), período em que supostamente o anti-herói foi hospitalizado.

A veracidade está presente de modo explícito no romance, requerendo um diálogo tanto com a medicina social do período quanto com a história, e isso se confirma à medida das descrições do local e dos seus representantes: no enredo, é citado o médico psiquiatra Agostinho José de Souza Lima (1842-1921), diretor do Hospício de Pedro II entre os anos de 1883 e 1887, conforme documentos da instituição.

Ainda nos anos iniciais do século XX, em 1919 exatamente, chega ao público o único romance do escritor paulista Hilário Tácito, pseudônimo de José Maria de Toledo Malta: *Madame Pommery*. Do mesmo modo, exploram-se questões referentes ao alcoolismo e ao determinismo, relacionando com os saberes das áreas médicas e da historicidade. Entretanto, cabe ressaltar que a maneira como se estabelece um diálogo interdisciplinar é divergente dos outros dois romances citados. Na narrativa de Tácito, do pré-modernismo brasileiro, destaca-se o caráter paródico e satírico do romance em relação ao momento histórico e às ciências do período⁸. Contudo, o papel dialógico entre a literatura e as outras áreas do saber descritas ainda existe de maneira convincente: há uma construção de saberes da história da cidade de São Paulo e da medicina em torno do alcoolismo.

Os três romances expostos aqui, a vias de exemplificação no recorte temporal de meados do século XIX às primeiras décadas do século XX, servem para comprovar o poder que a literatura tem em operar outros saberes, demais áreas do conhecimento, de maneira a nunca se esgotar a si própria ou esgotar estes saberes. A mesma temática pode ser explorada em épocas, contextos e sociedade distintas, mas em justaposição específica e contemplativa não apenas da literatura, mas também das áreas de conhecimento operadas. As narrativas apontadas demonstram e reforçam o que conceituou Barthes, em 1977, a respeito das forças que a literatura possui que dão a capacidade de lidar e operar demais ciências a seu benefício próprio, para demonstrar sua verossimilhança, por exemplo.

No seu discurso no *Collège*, o filósofo utiliza-se de um exemplo do escritor Robsion Crusoé, para também demonstrar a presença das ciências no discurso literário: “Num

⁸ Por ser um estudo demasiado longo para o artigo em questão, e para vias de entendimento e de contemplação, o modo como Hilário Tácito compõe sua narrativa em torno da sátira e da paródia pode ser melhor verificado em outro artigo, intitulado *Paródia, sátira e a presença do álcool em Madame Pommery* (2019), disponível nas referências deste.

romance como Robinson Crusoe, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura).” (BARTHES, 2013, p. 17). Do mesmo modo, os romances de Émile Zola, Canto e Mello e Hilário Tácito operam um saber histórico, médico, psiquiátrico, social e técnico, em suas particularidades, sendo capazes de ultrapassar e caminhar entre as diversas áreas, de modo coerente. As forças *mathesis*, *mimesis* e *semiosis* cumprem a sua função no monumento literário, à medida em que “a literatura trabalha nos interstícios da ciência” (BARTHES, 2013, p. 18) ou melhor dizendo, das ciências, tendo como base o próprio texto.

A efeito de conclusão

O poder da literatura em mover diversos saberes sempre esteve presente de forma intrínseca a ela. Sejam saberes filosóficos, sociológicos, antropológicos, jurídicos, fisiológicos e outros mais, numa continuidade incessante. Dada tamanha sua viabilidade de manusear e esculpir saberes outros, muito se tem utilizado, atualmente, de excertos literários nas mais diversas áreas para estudo, normalmente, de caso. Como já aludido, há a imprescindibilidade de se trabalhar em caráter interdisciplinar, de modo a realizar um estudo amplo e complexo de um objeto de estudo, a esgravatar suas propriedades. Isso porque

[...] a pesquisa interdisciplinar propõe e promove um saber intercalado, entrosado, entretecido, onde o pesquisador busque os pontos de contato, os gonzos, as articulações entre as diversas áreas de estudo, pois o mar do saber engendra ondas que executam um concerto único, mesmo se cada onda, ou instrumento musical, possui sua natureza, sua essência, sua energia. (MUCCI, 2009).

A experiência de se partilhar territórios de conhecimento faz com que haja um prolífero campo de atuação e estudo, que preze essencialmente a descoberta humana e científica. No âmbito literário, a marca de outras ciências no trabalho com a linguagem exprime sua tentativa de demonstração da realidade captada, ou ainda assimilada e forjada, para produzir o seu objetivo. Antonio Candido, em sua obra *Literatura e Sociedade*, ao aproximar a literatura da sociologia, o diz

O primeiro passo (que apesar de óbvio deve ser assinalado) é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de *poiese*. (CANDIDO, 2006, p. 21).

O crítico reforça a capacidade que a literatura possui para forjar a realidade, utilizando-se das demais áreas, e criar (*poiesis*) situações a seu benefício próprio. Entretanto, tal força literária não diminui a sua representação objetivada, muito menos enfraquece seu caráter verossímil. Essa liberdade atribuída ao monumento literário, de modificar a ordem e as coisas do mundo lógico, apenas garante seu caráter mais expressivo, conforme explicita Candido: “Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo” (2006, p. 21). Dessa maneira, também sob a ótica de Borges, a literatura apresenta-se de forma representativa, “como uma configuração poética do real, que também agrega o imaginado, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade” (BORGES, 2010, p. 108).

Finalmente, pode-se dizer, com base na fortuna crítica, principalmente de Roland Barthes, nos romances demonstrados e na pluralidade da literatura, que essa se apropria da *semiosis* e da *mimesis* para dar forma à *mathesis*. Fundamentada no jogo das palavras, na linguagem e na tentativa de representação, a literatura abrange e opera outras áreas e suportes de linguagem, culminando no seu caráter enciclopédico. A literatura nada mais é que um espelho da sociedade, apresentando temas e transmitindo ideias relativas ao momento histórico, cultural e social da humanidade. Rotula-se, assim, as perspectivas interdisciplinares ou transdisciplinares atribuídas à ciência literária.

Referências

ALVES, Lourence Cristine. **O Hospício Nacional de Alienados: Terapêutica ou higiene social?**. 2010. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2010.

BARTHES, Roland. **Aula**: Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. 14. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiás, Ano 1, n. 3, junho, 2010, p. 94-109. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658/16073>. Acesso em: 14 jul. 2020.

BRASIL. Decreto n. 82, de 18 de julho de 1841. Fundando um hospital destinado privativamente para tratamento de alienados com a denominação de Hospício de Pedro II. **Coleção das leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 49, 1841.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CEIA, Carlos. Pós-Modernismo. In: CEIA, Carlos (coord.). **E-Dicionário de Termos Literários**. [S. l.: s. n.], 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/pos-modernismo/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

DISCIPLINA. In: DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/DISCIPLINA/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

INTERDISCIPLINAR. In: DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/interdisciplinar/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

INTERDISCIPLINARIDADE. In: DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/interdisciplinaridade/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

MELLO, Canto e. **Alma em delírio**. 2. ed. São Paulo: O Pensamento, 1914.

MITTERAND, H. **Le roman naturaliste**: Anthologie. Paris: Librairie Générale Française, 1999.

MUCCI, Latuf Isaias. Interdisciplinaridade. In: CEIA, Carlos (coord.). **E-Dicionário de Termos Literários**. [S. l.: s. n.], 2009. Disponível em: <https://edtl.fch.unl.pt/encyclopedia/interdisciplinaridade/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos. **Alcoolismo**: a invenção de uma doença. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos; VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil no início do século XX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, dez. 2010, p. 401-420. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17s2/08.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2020.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O Naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

TÁCITO, Hilário. **Madame Pommery**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

MINGOTTI, Rodrigo Donizeti. **Heranças do romance naturalista**: alcoolismo e distúrbios psicológicos em Alma em delírio, de Canto e Mello. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/204919?show=full>. Acesso em: 17 mai. 2023.

MINGOTTI, Rodrigo Donizeti. Paródia, sátira e a presença do álcool em Madame Pommery. **Mosaico**, São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 315-344, 2019. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/revistamosaico/article/view/623>. Acesso em: 29 jun. 2020.

ZOLA, E. **A Taberna**. Tradução anônima. São Paulo: Editorial Paulista, 1933. 2 v.

ZOLA, Émile. **L'Assommoir**. Paris: G. Charpentier, 1877. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10750546/>. Acesso em: 24 ago. de 2019.

ZOLA, Émile. O senso do real. In: ZOLA, Émile. **Do romance**: Stendhal, Flaubert e os Goncourt. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário; Edusp, 1995, p. 23-48.